

Discurso proferido por Arruda Furtado, ao se empossar no Instituto do Ceará, em 17 de outubro de 1975

Exmas. Sras.,

Meus Senhores,

Eis-nos recebidos no Instituto do Ceará. Eis-nos recebidos no nobre e mais antigo sodalício de nossa terra.

Teixeira de Freitas, Hélio Melo, Fernando Câmara e eu chegamos aos umbrais da Casa do Barão de Studart sem o merecimento necessário para transpor-lhe os venerandos pórticos. 'A benevolência dos membros da Instituição é que devemos a honraria insigne, que consagra realmente, e enaltece os que aqui trabalham pela glória do Ceará e do Brasil. Resta-nos aceitar com humildade a honrosa posição, agradecendo tão manifesta confiança em nossas possibilidades, ainda que não tenhamos condições de integrar este cenáculo, e de ocupar os lugares que foram dignificados pelas personalidades marcantes dos consócios que vimos substituir: o Cel. José Aurélio Saraiva Câmara, o Prof. Martinz de Aguiar, o Prof. Sobreira de Amorim e o Bispo Dom Antônio de Almeida Lustosa.

As palavras encomiásticas pronunciadas a nosso respeito pelo consócio Senador Virgílio Távora foram fruto, tão-somente, da magnanimidade de S. Exa. e de seus pares, porque conhecemos as nossas limitações. Conhecemo-las, e estamos perfeitamente conscientes das responsabilidades que assumimos. É que em nosso entender, a participação no Instituto não deve ser o coroamento de vidas intelectuais brilhantes e fecundas, o que não se daria em nosso caso, mas o início de um trabalho generoso e permanente, de modo a contribuir para as altíssimas finalidades da Instituição.

É de praxe fazer-se, em ocasiões como esta, o elogio daquele cuja vaga se preenche. São muito grandes, porém, os nossos antecessores. E o momento não comporta um estudo em profundidade de suas magníficas figuras humanas nem de sua vasta obra literária e científica. Contentemo-nos com breve bosquejo de suas ilustres personalidades, uma vez que os colegas recém-empossados me forcaram a aceitar este encargo, certamente melhor desempenhável por qualquer deles.

JOSÉ AURÉLIO SARAIVA CÂMARA

O mais novo dos que agora são substituídos no Instituto, e que mais cedo foi arrebatado ao convívio dos seus patrícios, é certamente José Aurélio Câmara, cuja vaga é preenchida pelo seu ilustre irmão Francisco Fernando Saraiva Câmara.

Cedo, realmente, José Aurélio teve interrompido o ciclo de sua vida terrena, não antes de viver intensa e proficuamente pouco mais de meio século, deixando um espólio cultural apreciável e uma herança humana das mais dignas, ao contrário de muitos que vivendo mais, no tempo, pouco ou quase nada legam à posteridade.

Ligavam-nos laços de sangue, porque provínhamos, ambos, de troncos comuns, os mais próximos tendo florescido ainda no século XVIII. Na verdade, tetravós paternos de José Aurélio, o Cel. Alexandre de Albuquerque

Lima e Maria de Nazaré Bezerra de Menezes, foram meus trisavós. E o seu tetravô materno, o Cel. Antonio Bezerra de Souza Menezes, herói da Independência no Ceará e Comandante das Armas na Confederação do Equador, é igualmente meu ascendente no mesmo grau.

Apesar desse parentesco esbatido embora na colateralidade, não privei do convívio de José Aurélio, mas pude acompanhar a sua trajetória.

Era daqueles que se impunham à admiração dos contemporâneos. Traçando o seu panegírico no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, José Honório Rodrigues aludiu ao seu "jeitão amável, cordial, franco, brincalhão". E essa faceta do seu espírito privilegiado não escapou à apreciação de Raimundo Girão, quando disse: "Fisicamente forte e de alta compleição, era um extrovertido, direi um brincalhão, a comunicar-se facilmente, e sabia conservar e alimentar as amizades a que prestava a melhor das sinceridades e a mais espontânea das prestimosidades. Onde estivesse, estava a alegria, com seus ditos interessantes e suas irreverências facciosas. Nunca ofendia com isso, antes, os seus modos largos e a sua risada franca o forravam logo da simpatia dos outros".

Raquel de Queirós, com a sua humildade e para dar a medida da grandeza de coração do nosso homenageado, escreveu estas palavras: "E é um homem como José Aurélio que morre, na força da vida, tendo ainda tanto para dar, nos envergonhando até de ficar por aqui, a encher tempo e espaço, quando gente tão mais preciosa vai embora".

No Senado da República, Virgílio Távora retratou José Aurélio como "fundamentalmente bom e íntegro", no que foi plenamente apoiado pelo Senador Jarbas Passarinho, outro companheiro de armas que privara de perto com o saudoso cearense.

Um ano depois de sua morte, ainda ecoava a dolorosa perda, o que é raro na dissipação da vida moderna, e João Jacques exaltava, pela imprensa, a capacidade de José Aurélio em solidarizar-se com os pobres e os aflitos.

Quem assim viveu há de ter recebido, logo no limiar da Eternidade, o justo prêmio dos seus atos e a recompensa daqueles sofrimentos atroztes que lhe purificaram o espírito ao termo dos seus últimos dias.

Na vida pública exerceu funções do maior relevo: Secretário de Polícia; Secretário interino da Justiça; Comandante da Polícia Militar; Diretor Geral do Departamento de Educação e Cultura da Universidade Federal do Ceará; Assessor de Organização e Métodos do Ministério de Educação e Cultura; Engenheiro-Diretor do Departamento de Minas do Estado; membro do Conselho de Curadores da Universidade Federal do Ceará, da Comissão de Textos Históricos do Ministério das Relações Exteriores, do Magistério Militar, do Instituto do Nordeste, da Sociedade Capistrano de Abreu, sem falar de sua participação ativa como sócio desta Casa. Por último, projetava a cultura cearense além-fronteiras, dirigindo a Casa do Brasil em Espanha.

A cultura brasileira e particularmente a do Ceará, José Aurélio prestou assinalado contributo. Só o enunciado de suas obras indica o que foi, em termos de pesquisa séria, de estudos aprofundados, de labor paciente, a sua vida de publicista. "Aspectos do Domínio Holandês no Ceará", "O Tempo e os Homens", "Fontes Cearenses de Euclides da Cunha", "Fatos e Documentos do Ceará Provincial", "Um Aspecto da Tradição Militar Cearense" e "Capistrano de Abreu" são trabalhos e livros realmente consagradores da reputação de um escritor. O seu livro sobre o Sábio de Maranguape, obra premiada pela Academia Brasileira de Letras, é publicação que honra a cultura do seu autor. A seu respeito, assim escreveu Raquel de Queirós: "A biografia de Capistrano escrita por José Aurélio

não padece de cegueira passional e está muito longe de ser mera louvação do mestre amado — coisa que horrorizaria o próprio biografado. É um livro equilibrado, denso de documentação, cauto nas interpretações, honesto e inteligente”.

Este, em traços rapidamente debuxados, o perfil do consócio falecido que tem agora ocupado o seu lugar por um irmão de sangue e irmão também na fraternidade dos que se dedicam com amor às coisas do Ceará.

JOSÉ SOBREIRA DE AMORIM

Outro consócio desaparecido, cujo claro se preenche hoje com a posse do Prof. Teixeira de Freitas, é o Prof. José Sobreira de Amorim, ou Amorim Sobreira, como ele gostava de apelidar-se como escritor e jornalista.

Amorim Sobreira foi outro cearense também cedo retirado do nosso convívio, quando muito ainda se aguardava do seu labor e da sua cultura invulgar, empregados com intensidade nos estudos do Direito e na faina do magistério.

Era ele o professor por excelência, inteiramente dedicado aos seus estudos, completamente devotado à transmissão dos seus conhecimentos àqueles que tiveram a sorte de tê-lo como mestre. E na realização desses estudos não suportava a mediocridade, descendo às profundezas mais longínquas, com o fito de realizar obra densa, compacta, testada nas suas vigílias, capaz de resistir à análise da crítica mais exigente.

Mais sério do que jocoso, como anotou José Valdivino, a circunspecção de Amorim Sobreira não afastava os circunstantes todos afavelmente tratados pela delicadeza dos seus modos. Era, como escreveu Valdivino, “nobre, sensato, de uma serenidade ímpar, respeitado e querido entre mestres e alunos”.

Stênio Lopes nos deu um retrato bem fiel, quando assim se manifestou a seu respeito: “José Amorim é professor na mais completa acepção do vocábulo. Poderia ter sido advogado. Poderia ter sido apenas escritor. Sua inteligência lhe abria muitos caminhos. Sua tenacidade no trabalho intelectual o levaria a qualquer estágio de cultura. Preferiu, porém, ensinar a juventude. Estimado pelos seus alunos, respeitado pelos seus colegas, dedicou sua vida ao magistério. E tornou-se professor em tudo, até na aparência. No próprio tom de sua voz, profunda e pausadamente distribuída pelas frases concisas com que expressava os seus pensamentos e opiniões, sentia-se nele o professor”.

Oriundo do Crato, desse Cariri tão fértil na terra como na proliferação de sua gente, ali iniciou os seus estudos. No Seminário Diocesano, de 1922 a 1930, deu começo e desenvolvimento à formação humanista que o caracterizaria pelo resto da vida. Foi, de fato, um humanista. E como deve ter sentido, no descompasso do nosso mundo de hoje, o divórcio inquestionável entre o avanço tecnológico e o humanismo cristão, que deveriam estar unidos, completando-se mutuamente para o serviço do Homem!

Assemelhava-se ao grande jurista italiano Contardo Ferrini, ambos de invejável cultura; ambos fechados em atitudes modestíssimas, indiferentes a quaisquer movimentos promocionais de suas pessoas; ambos pautando a vida particular e a vida pública segundo os padrões da mais rígida probidade; ambos apaixonados pelo Direito Romano, objeto de suas pesquisas científicas e dos seus estudos mais afanosos.

Amorim Sobreira publicou três preciosos livros, dois deles inteiramente em latim, a saber: “De Capitis Deminutione”, “De Jurisprudentiali Definitione Ulpianae” e “Cultura e Liberdade”, havendo deixado inconcluso outro intitulado “O Direito Romano Sistemático”, além de dezessete monografias

sobre o Direito Romano propriamente dito, Direito Civil Pátrio, Direito Processual, Filosofia, Pedagogia, História.

Na atividade do magistério, foi Professor Catedrático de Direito Romano (Faculdade de Direito), de Instituições de Direito Civil, de Metodologia Especial de Letras Clássicas, de Língua e Literatura Latinas (Faculdade de Filosofia) e de Física, Química, Biologia e Português, no curso secundário.

Exerceu destacadas funções públicas, todas pertinentes ao magistério, como Chefe de Departamento, Diretor do Instituto de Educação, representante do Ceará na Escola Superior de Guerra, examinador em diversos concursos para o provimento de cátedras do ensino superior.

O nosso homenageado recebera, tanto no seu lar de origem como no Seminário do Crato, formação cristã das mais sólidas, que soube aprimorar no curso de sua vida. E o seu acentuado gosto e predileção pelo Direito de certo modo muito contribuiria para isso. Descendo ao exame profundo das mais vetustas instituições jurídicas, estudando os fundamentos daqueles institutos que o gênio romano edificara para resistir ao embate dos séculos, conseguiu apreender, como poucos, o verdadeiro sentido do justo, de modo a viver como homem de fé, como cidadão, como escritor, como mestre, uma vida das mais edificantes até o momento em que parou de pulsar o seu generoso coração.

ANTÔNIO MARTINZ DE AGUIAR E SILVA

Outro brasileiro e cearense ilustre tem a sua vaga no Instituto provida pelo também ilustre Prof. Hélio de Sousa Melo. Trata-se do Prof. Martinz de Aguiar.

Quem o não conheceu!

Quem não lhe quis bem, no meio de centenas, de milhares de jovens, alunos seus no velho Liceu do Ceará! Eu próprio tive a satisfação de ter como professor de Português naquela casa oficial de ensino. E logo passei a admirá-lo porque o prof. Martinz de Aguiar se impunha à simpatia dos discípulos.

Por influência talvez do seu pago natal, a Várzea do Cauípe, era homem consciente de sua liberdade e insusceptível de ser reprimido a não ser pela doçura ou pelo convencimento.

Os adolescentes vibravam com as manifestações de sua independência intelectual e com os seus modos francos, com as suas atitudes incontornáveis por convenções desarrazoadas.

Martinz de Aguiar tinha comportamentos imprevisíveis na sala de aula. Certa vez, arguindo um discípulo, em exame final, perguntou-lhe à queima-roupa:

— Quem é o poeta brasileiro cujo nome forma um verso alexandrino? E o aluno, de pronto, respondeu:

— Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac.

O examinador, então, com a sua voz clara e altissonante, acrescentou eufórico:

— Nota dez. Pode levantar-se.

Era assim o mestre de tantas gerações de cearenses. Tinha, como todos nós, as suas predileções. Devotava, por exemplo, afetuosa admiração por Teresa de Lisieux. Não, certamente, à santinha despersonalizada nas estampas multi coloridas, mas à jovem gaulesa que subira alto na escalada da perfeição sem outro meio que não o cumprimento consciente e pertinaz do próprio dever, e que legara aos cristãos do seu tempo a doutrina da infância espiritual, desdobramento poético e enternecedor da humildade evangélica.

Quando se lhe tocava nas cordas mais sensíveis do coração, o espírito de Aguiar se alargava nas exteriorizações de sua alegria interior. Foi assim, em 1952, quando a imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima veio a Fortaleza. A religiosidade do nosso povo e a sua terna devoção à Mãe de Deus se extravasou, espontânea, provocando verdadeira renovação na Fé. Respirava-se um ar de espiritualidade e a alma coletiva como que se inebriava naquele culto de veneração à meiga Senhora de todos.

O nosso mestre também sentiu, como muitos, os eflúvios daquela presença amorável, como que a provocar um reencontro. E voltou ele às práticas religiosas dos seus maiores.

O Prof. Aguiar começou a vida como empregado do comércio, mas logo passou a trabalhar na imprensa, tendo sido repórter, gerente e secretário do jornal "Unitário". O jornal, porém, não o empolgou de todo, a não ser como instrumento de que se serviu para os seus labores intelectuais, porque foi o aprendizado de nossa língua e o ensino de nosso idioma que se tornaram o ideal de sua vida.

Em 1921, Justiniano de Serpa o nomeou professor interino de Português do Liceu do Ceará, em substituição ao titular da cadeira, que se afastara em cumprimento de mandato legislativo. No ano seguinte, nova substituição, e, com a aposentadoria do substituído, Aguiar presta concurso, defende tese e se efetiva no lugar.

Viveu para o estudo de nossa língua e para o magistério, tendo ensinado também no Colégio Militar, não somente o Português como ainda o Francês.

Publicou vários livros de valor inestimável, contribuição pessoal sua à Filologia. "Repasse Crítico da Gramática Portuguesa", tese de concurso para o Liceu; "Cirandas Infantis", série de estudos folclóricos e filológicos; "Notas e Estudos de Português"; "Notas de Português de Felinto e Odorico", além de uma vasta colaboração especializada a revistas e jornais, constituem bagagem científica de peso. Constituem obra que deu renome ao autor, porém, muito mais ainda, levou a cultura do Ceará além das fronteiras da Província.

Aconselhava em aula que os seus discípulos não fossem idólatras de regrinhas gramaticais, que se não prendessem a sutilezas embaraçosas à comunicação. Isso — dizia ele nas suas irreverências — deveria ficar para os "professorecos e gramaticastros". O que interessava era aprender a língua materna, e esse aprendizado seria suficiente através da leitura dos clássicos e dos bons escritores.

Aguiar foi mestre consumado e conseguiu, sozinho, sem meios adequados, de certo modo isolado na Província, alcançar o título honroso, que se lhe reconhece em toda a parte, de ter sido um dos maiores filólogos do País.

Na hora em que Martinz de Aguiar é substituído no Instituto por outro devoto do idioma, o Prof. Hélio Melo, é oportuno que se evoque, com respeito e saudade, a memória do mestre amigo de quantos tiveram a dita de o conhecer.

DOM ANTÔNIO DE ALMEIDA LUSTOSA

A generosidade dos membros do Instituto me concedeu o privilégio imerecido de ocupar, nesta Casa, o lugar de Dom Antônio. Ocupar fisicamente porque não me é possível preencher toda a grandeza dessa lacuna.

Na verdade, grande no seu valor e na sua humildade, Dom Antônio de Almeida Lustosa foi realmente luzeiro do Episcopado e expressão humana que dignificou, como poucos, a progénie de Adão. O tempo não

chega para avaliar o porte do seu espírito, o valor de sua intelectualidade, a fecundidade do seu trabalho, os exemplos de virtude que deixou.

O Bispo há de ser, para o povo que lhe foi confiado, o legislador prudente, o juiz equânime, o pastor devotado.

Na função de legislar, jamais promulgou decreto que não fosse perfeitamente compatível com as leis maiores emanadas de Roma, porque sabia residir ali o centro da unidade e a certeza da catolicidade. Como juiz, aplicou sempre a lei tendo em vista o versículo luminoso de São Paulo, segundo o qual a letra mata, o espírito é que vivifica. E no pastoreio foi inexcedível, na esteira mesmo dos seus grandes predecessores, ombreando-se aos grandes Bispos da História.

Não se hão de enumerar aqui as obras assistenciais e de educação do seu longo governo. De tudo quanto criou, ou conservou, muita coisa ainda está aos nossos olhos, e outras pereceram ingloriamente, depois de sua renúncia, apesar de se destinarem a vida permanente.

Não nos detenhamos no acervo dos benefícios criados para o povo. Vejamos, antes, a sua ação eminentemente episcopal.

Se o Bispo há de ser o sal da terra, a luz do mundo, o dispenseiro dos mistérios de Deus, na expressão de São Paulo, vemos que Dom Antônio foi realmente exemplar no cumprimento de tão elevados mandamentos. E o que mais caracterizava a sua ação apostólica era o contacto pessoal, direto e contínuo com os seus jurisdicionados.

Ainda quando Bispo do Pará, perdeu a saúde nas visitas pastorais, regularmente realizadas, feitas com imenso sacrifício, nas condições precárias da imensa floresta insalubre, a bordo de barcos e pirogas, mas sem deixar de levar às esquecidas populações ribeirinhas a sua presença paternal. E do pouco tempo que lhe sobrava, daqueles trabalhos arriscados e estafantes, aplicava-o à observação das coisas, das gentes, dos fatos, das tradições e costumes das inúmeras paróquias, coletando material precioso de que resultou uma de suas obras de grande interesse sociológico, o livro "À Margem da Visita Pastoral".

Também aqui, durante vinte anos palmilhou o território todo da Diocese, do litoral às serras e sertões. Quando terminava o trabalho da catequese e as confissões, já noite alta, recolhia-se, não para o repouso, mas para fazer as anotações de quanto chamara a sua atenção de observador perspicaz. Disso resultou outro livro, a que deu o despretenso título de "Notas a Lapis", e que constitui interessantíssima contribuição para o estudo de nossa terra e de nossa gente. Se as "Notas de Viagem" de Antônio Bezerra são de leitura agradável, não fica atrás o livro de Dom Antônio, escrito com a sua excepcional simplicidade de estilo, marca, aliás, de toda a sua vasta obra literária.

A convivência com o povo não era apenas no curso das viagens canônicas. Na sede episcopal, diariamente, das treze horas ao fim da tarde, ficava à disposição dos diocesanos. Eram audiências todos os dias, para todos os tipos de pessoas, especialmente a pobreza, que acorria a solicitar o seu auxílio. Eram viúvas pobres à procura de matrícula para os filhos nas escolas; eram pais de família a pedir um cartão que lhes garantisse um emprego; eram pessoas amarguradas por problemas angustiantes que iam atrás de consolo e orientação; era gente de todas as condições sociais que o procurava na certeza do atendimento. Algumas vezes, na qualidade de advogado da Mitra, tive de interromper aquelas audiências para entendimento com o Arcebispo. E via ali, no Paço de São José, a paciência de Dom Antônio, o seu interesse pela sorte de quem lhe batia à porta, a sua solicitude em favor de todos. E sempre aquela serenidade

imperturbável, aquele riso mal a florado no rosto de asceta, aquela delicadeza de modos que inspirava completa confiança.

O zelo pela doutrina e o empenho na catequese se faziam sentir continuamente. Se verificava, através de sua experiência pessoal no confissãoário, que o povo precisava de melhores informações e entendimento quanto à prática do Sacramento da Penitência, de logo redigia carta pastoral sobre o assunto, como a que publicou sobre a contrição, cujas lições eram completa orientação para os fiéis. Se observava que o seu rebanho estava sofrendo eventualmente a influência de um mal que se disseminava, acorria com outra carta, como aquela sobre o jogo, documento de subido valor e que revela zelo de pastor pela saúde moral do povo.

Se o flagelo da seca se abatia sobre o Estado, ele que se considerava intimamente ligado à sorte da grei, escrevia outra carta pastoral, como fez em 1942, opúsculo que é subsídio apreciável para o estudo do problema secular.

No afã de levar todos à perfeição evangélica, pregava e escrevia sempre. Os seus livros intitulados "Abraçando a Cruz", "Solilóquios Infantis", "Meu Livro Inseparável", são jóias de literatura, são obras de alta inspiração para conduzir o leitor a uma sadia espiritualidade. Que dizer de seus versos em "Lâmpada Votiva", quando o poeta cresce aos nossos olhos exatamente na singeleza de sua poesia!

O seu livro sobre Dom Macedo Costa são quase seiscentas páginas que tratam da Questão Religiosa, recheias de documentação, com análise percuciente dos fatos, obra exaustiva que lhe deu merecida fama.

Durante duas décadas, Fortaleza contou com a presença do ínclito antiste. Mas quando sentiu ele alquebrarem-se-lhe as forças, resignou ao cargo e voltou ao seio de sua família salesiana, ele que desejara ser apenas um religioso, e que só aceitara o báculo porque lho impuseram debaixo de obediência.

Enquanto viveu em Carpina, nas proximidades do Recife, preso à sua cadeira de rodas, não deixou de trabalhar. E aí estão, ainda inéditas, várias monografias daquele santo homem de oração e trabalho.

A quem o visitava tinha sempre uma palavra de saudade, lembrando o Ceará e os inumeráveis amigos que aqui deixou.

Quando cerrou os olhos a esta vida, o Ceará soube reconhecer quanto fizera ele pelo nosso povo. E exigiu os seus despojos, para depositá-los piedosamente na cripta de sua catedral. E ali foram encerrados depois de exéquias nunca vistas nesta cidade, o povo a proclamar a santidade do pastor desaparecido.

Foi este o ilustre e altissimamente virtuoso consócio do Instituto, cuja vaga é agora preenchida pela minha indigência e pequenez.

Para estar à altura desta sucessão, só me cumpre tentar suprir as infinitas deficiências com uma boa vontade muito grande e um empenho não menor de trabalhar pelo Instituto e o Ceará.